

REGISTO DE MEDICAMENTOS POR ENCOMENDA | POR HERMANN PLOPPA

Posted on 14. Dezember 2020

A Agência Europeia de Medicamentos irá fazer passar as vacinas corona num processo contínuo.

Um comentário de Hermann Ploppa.

Estamos todos entusiasmados. Será que as novas vacinas mágicas, que supostamente erradicarão a terrível epidemia de Covid-19 de uma só vez, serão realmente aprovadas em breve? Quem irá preparar o caminho para a droga vacinal que nos dará uma vida normal de novo de um dia para o outro?

A bola está no campo da Comissão Europeia, ou seja, do nosso governo da União Europeia. Mas antes de dar o sinal de partida para vacinações em massa, procurará o conselho de peritos da Agência Europeia de Medicamentos (EMA) em Amesterdão. A EMA examina os medicamentos que vão ser lançados no mercado. Se são bem tolerados e livres de efeitos secundários. A EMA carrega, portanto, um pesado fardo de responsabilidade pelo destino de muitos milhões de cidadãos europeus. A EMA é objectiva, comprometida apenas com o bem comum?

A EMA é uma instituição sob o chapéu da União Europeia. Mas apenas catorze por cento das receitas da EMA provêm da UE e de outros fundos públicos. Os restantes oitenta e seis por cento provêm da indústria farmacêutica. Mas não como doações como os oitenta por cento de dinheiro privado na Organização Mundial de Saúde OMS. A EMA cobra taxas às empresas farmacêuticas que querem que as suas novas preparações patenteadas sejam aprovadas. A EMA não assume, portanto, um compromisso tão directo com as empresas farmacêuticas como a OMS o faz.

No entanto, existem ligações pessoais entre os grandes traficantes de comprimidos e a autoridade antidroga da UE. Observadores da cena, como o Lobbycontrol, falam de um efeito de porta giratória: antigos empregados da indústria farmacêutica contratam na EMA. Ou mudam da EMA para a indústria farmacêutica. É evidente que farão pleno uso do seu conhecimento íntimo da autoridade da UE no seu novo trabalho como consultores farmacêuticos para influenciar os seus antigos funcionários da autoridade, no interesse do seu novo empregador.

O caso do antigo chefe da EMA Thomas Lönngren em 2010 foi particularmente flagrante: Lönngren já tinha

aberto a sua própria empresa de consultoria para clientes da indústria farmacêutica dois meses antes de deixar a EMA. Ofereceu conselhos sobre como as empresas poderiam utilizar melhor a agência para promover os seus produtos. Quando o chefe do departamento jurídico da EMA, Vincenzo Salvatore, deixou a EMA em 2012, juntou-se imediatamente ao escritório de advogados Sidley Austin, que trabalha para empresas farmacêuticas.

O seu sucessor Stefano Marino trabalhou anteriormente para a empresa farmacêutica italiana Sigma-Tau como especialista em "protecção da propriedade intelectual". Ao mesmo tempo, Marino foi presidente do comité "Marcas" da Associação Europeia da Indústria Farmacêutica. Quando a EMA decide em 2014 disponibilizar ao público todos os dados dos ensaios clínicos, Marino impede este necessário processo de transparência democrática.

Além disso, vemos Xavier Luria, responsável na EMA pela segurança e eficácia dos medicamentos, que mais tarde irá ganhar dinheiro real na indústria farmacêutica. Assim, não é surpreendente que a EMA também tenha libertado o medicamento contra o cancro Avastin para o cancro da mama, que a autoridade reguladora americana FDA proibiu para a sua área devido aos efeitos secundários desproporcionadamente fortes. Talvez seja útil saber que, num painel de peritos nomeados pela EMA no caso Avastin, seis em cada dez peritos tinham relações comerciais com a empresa Roche, fabricante da Avastin.

A decisão da EMA de conceder autorizações de introdução no mercado de um novo medicamento no futuro, mesmo antes de a série necessária de testes ter sido concluída, continua a ser objecto de controvérsia. Neste procedimento de aprovação "rolling review", a empresa que procura aprovação simplesmente submete resultados provisórios!

Os críticos vêem este processo como uma americanização da nossa lei de aprovação pela porta do cavalo. Nos EUA, a regra é: um produto pode ser lançado no mercado mesmo que os riscos e efeitos secundários ainda não tenham sido exaustivamente pesquisados. Este é o chamado princípio da prova. O consumidor é a cobaia grátis neste macabro ensaio de campo. Se os advogados e cientistas conseguirem provar que o produto é nocivo, pode ser retirado do mercado. Na Europa, por outro lado, aplica-se o princípio da

precaução: um produto não é divulgado ao público em geral até que a sua inocuidade tenha sido devidamente comprovada. Todos os testes necessários são naturalmente muito caros para o fabricante. Mas devemos essa segurança ao povo.

E é precisamente esta evasão negligente do princípio de precaução europeu pela EMA que nos está agora a causar problemas. Porque as várias vacinas contra a SRA-Cov2, que aguardam agora aprovação, ainda não estão totalmente desenvolvidas de acordo com as normas de qualidade europeias. Isto refere-se aos cerca de 43.000 voluntários que até agora foram testados para a nova vacina pela BioNTech e pela Pfizer - metade deles apenas receberam placebos. Como o Professor Stefan Hockertz explicou numa entrevista para a Radio Munich, metade dos ensaios para o produto BioNTech acabaram de ser concluídos - os ensaios não serão concluídos até 2022. Só então será possível apresentar dados realmente sólidos com base nos quais a aprovação será concedida ou rejeitada. Neste caso, as experiências em animais foram contornadas de forma solta e as experiências em humanos foram imediatamente iniciadas. Além disso, a utilização de vacinas baseadas em mRNA é um tipo completamente novo de experiência de engenharia genética.

Agora ouvimos em todo o lado que a série de vacinação baseada na aprovação da EMA deverá começar já em Dezembro deste ano. A Comissão Europeia, que concederá a aprovação final com base nos conhecimentos da EMA, já adquiriu centenas de milhões de doses de vacinas da BioNTech, Pfizer e outros fornecedores. Os centros de vacinação já estão a ser criados. Assim, a aprovação será concedida a qualquer custo. E mesmo que isso custe a nossa saúde e integridade física. Aqui, num período de cento e cinquenta anos, padrões de civilização laboriosamente construídos estão a ser arrasados.

Hermann Ploppa publicou vários livros, incluindo "Os Portadores nos Bastidores": How Transatlantic Networks Secretly Infiltrate Democracy", "Hitler's American Teachers: The Elites of the USA as Birth Helpers of the Nazi Movement" e "The Reach for Eurasia: The Background of the Eternal War against Russia".

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: [Lubo Ivanko](#) / shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK